



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. - Talha - Lisboa - Telefone: 2  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A questão irlandesa

### A guerra e os irlandeses

A questão irlandesa deixou, depois de Agosto de 1914, de ser uma questão nacional britânica para se transformar numa questão internacional. E isto deu-se porque uma parte dos governantes da Entente, para tornarem guerra popular, pregaram a defesa da liberdade de todos, inclusive a das pequenas nacionalidades subjugadas; e, por outro lado, as massas populares viram nesta guerra uma guerra de libertação dos povos. Desta maneira de proceder e deste estado psicológico resultou que a guerra passou do plano económico — em que assentava em vista dos fins que procuravam alcançar os juncos e os capitalistas alemães que a desencadearam — para o plano político-moral. Desde Agosto de 1914 que a guerra mundial se transformou numa guerra de democracias contra autocracias. Mas infelizmente para a humanidade, a paz de Versalhes fez regressar a guerra para o plano económico, razão porque a Paz real ainda se não fez.

Após a guerra, o Home Rule para a Irlanda, votado pelo parlamento britânico, tinha sido levado ao Statute Book, e devia ser posto em execução antes do fim do ano de 1914, depois de se ter encontrado um *modus vivendi* para a parte Nordeste da Irlanda, os condados do Ulster, que havia dois anos, sob a direcção de Sir Edward Carson, se opunha com energia ao Home Rule. A oposição era tal que espingardas e munições vinham de Hamburgo, compradas pelos carsonistas, os quais publicamente se treinavam para a luta armada, o que era notório, pois assim o noticiavam todas as gazetas da Irlanda e da Grã-Bretanha. Naturalmente os nacionalistas irlandeses (Redmondistas e O'Brienistas), muito numerosos, e os Sinn Feiners, uma pequena minoria, seguiram por seu turno o movimento, armando-se. Mas para estes era da América que vinham as armas. O governo britânico sabia tudo isto, mas deixava fazer. Consentia que os carsonistas se armassem por causa da sua força como conservadores, industriais e protestantes; e não pôde impedir, portanto, que os nacionalistas, poderosos pelo número, se armassem por seu turno.

A guerra compeliu o governo a propor uma suspensão do Home Rule até finalizarem as hostilidades, com o objectivo de se manter a união sagrada. O *leader* nacionalista Redmond aceitou, porque supoz que a guerra durasse apenas alguns meses. Quando a Sir Edward Carson, voltou, porque esta suspensão correspondia completamente à realização dos seus desejos. Fez-se então uma campanha a favor dos alistamentos voluntários, sobretudo no Ulster, a que os homens corresponderam. Nos condados católicos nacionalistas, a campanha foi menos activa, pois que tendo o governo empregado nesta campanha os elementos protestantes, desenhou uma espécie de oposição surda da parte dos camponeses católicos. Os nacionalistas desejariam que se formassem regimentos compostos só por irlandeses e só por eles comandados, sob a égide da bandeira verde com a harpa, o que constituiria uma manifestação a favor do Home Rule, motivo porque os ulsterianos ingleses se opuseram.

### A Irlanda e alma irlandesa

Do que acabamos de narrar se depreende que a Irlanda não é uma socialmente falando, como é geograficamente. Com efeito, parece que existem duas Irlandas: dum lado o Ulster, do outro, o resto da Irlanda, representando mais das três quartas partes da ilha. O Ulster, que conta seis condados, é povoado por descendentes ingleses e escoceses. Na sua maioria, é protestante (anglicanos e não conformistas), mas na sua parte oeste, em dois condados existe também uma minoria católica muito forte. O Ulster é industrial, com excepção da parte oeste, que é agrícola e que faz um grande comércio com a Grã-Bretanha. O resto da Irlanda é um país, de grandes propriedades, matos e pântanos, com rebanhos e uma importante produção agrícola. As leis sob o regime das terras votadas há apenas um quarto de século, permitiram a criação da pequena propriedade, em que o camponês irlandês, graças a um trabalho encarniçado, cultivava cereais e batatas. É um país pobre, posto que a terra seja boa. A emigração é intensa para a Inglaterra, para os Domínios (Austrália, Nova Zelândia, Canadá) e para os Estados Unidos. Por isso os irlandeses são muito mais numerosos fora do seu país que na Irlanda.

O camponês irlandês, de há muito explorado pelos landlords, senhores da terra, tem-se parcialmente libertado desta exploração, graças às leis sobre a propriedade das terras. Mas formou-se uma classe camponesa de jornaleros, fam pobre que lhe é impossível possuir o mais pequeno pedaço de terra. A população é, portanto, pobre, ignorante, católica e cheia de superstições. A Irlanda é o país das lendas e dos sonhos, que brotam espontaneamente nesta terra, que as chuvas e orvalhos banham e enchem de névoas.

O irlandês, posto que ignorante e sonhador, é, entretanto, como todos os camponeses, realista e o menos sentimental possível, procurando o seu interesse, ou o que lhe julga ser. Mas em virtude da sua própria ignorância, só vê o seu interesse imediato e mesquinho. Não abarca a imensa solidariedade que em todo o globo une os homens entre si. É dum estreito individualismo, como aliás o dos camponeses de todo o mundo, o que é devido ao isolamento da sua vida e do seu trabalho. Este estado de alma do irlandês, simultaneamente realista e sonhador, acanhado de facto e grandioso pela imaginação, foi magistralmente descrito numa comédia, que é uma obra prima de arte, intitulada *A Segunda Ilha de John Bull*, devida à pena do irlandês Bernard Shaw.

De facto, existem duas Irlandas, de tendências, de gostos, de religiões, de políticas, de interesses económicos diferentes e, por vezes, opostos. Naturalmente, a separação entre estas duas Irlandas não é brusca, e nos seus confins, opera-se por graduação, porque as populações se encadeiam. A esta situação é necessário apontar que as massas populares, sobretudo as rurais, falam uma língua, cultura, e de que se fala no país de Gales, na Escócia e na Grã-Bretanha continental. Existem nesta língua jornais, brochuras, e sobretudo livros religiosos. Todavia alguns literatos — e de grande talento, como os poetas Yeats e Douglas Hyde — escrevem nesta língua gálica.

### O Clero Irlandês

O clero católico sai do povo dos campos e permanece entre o povo. Não é, como por exemplo na Grã-Bretanha, o servo do proprietário territorial. E pelo contrário é o apoio do aldeão, que o alimenta oporamente, graças à congrua, que ainda subsiste. O alto clero, o episcopado, que é eleito pela assembleia dos padres, e mantido pelo baixo clero, e, por conseguinte, dependente dele. A sua autoridade só é real com a condição de se conformar com a vontade do baixo clero. A autoridade pontifícia é muito fraca, simplesmente de nome. Os interesses materiais ocupam mais o espírito do clero que os interesses espirituais. Este procura manter a sua autoridade sobre as ovelhas, ou fazendo-lhe a corte ou ameaçando-a com as penas do Inferno.

Após a queda do clero, sobretudo preocupado com o seu poder, e com os interesses materiais, há um outro clero jovem, mais ou menos penetrado de socialismo cristão, mais ou menos idealista e ao mesmo tempo realista. O alto clero sofre muito a influência dos jesuítas, que são os senhores da Universidade.

### As classes sociais na Irlanda

Para se ter um quadro preciso da Irlanda, devemos ainda notar que as grandes propriedades estão, na sua maioria, nas mãos dos grandes lords ingleses e protestantes; juntando-se, portanto, uma oposição de classe à oposição de nação e de religião. No Ulster, existe uma oposição de classe, entre patrões e operários, no geral, irlandeses e na sua maioria protestantes. Mas existe também oposição religiosa, visto uns serem anglicanos e outros metodistas ou presbiterianos. Em toda a Irlanda, os grandes proprietários, os industriais e os comerciantes são em geral unionistas conservadores, enquanto que o proletariado rural e urbano e a pequena burguesia das cidades é liberal, democrata, com tendências, segundo os meios, socialistas e até sindicalistas.

A guerra enriqueceu consideravelmente o camponês irlandês, cujos filhos,

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Maus profissionais

Ninguém ignora que o jornalismo é a arte de se saber o que não se pode conhecer. O jornalista que obtém com facilidade informações reservadas, difíceis, é, no conceito dos directores das grandes empresas do género, um bom jornalista. O jornal vale por trazer ao público as novidades que o público não pode obter. Não o entendem assim os jornalistas do *lock-out*, que se confessam surpresos, por termos sabido o que se passava numa das suas reuniões. Levaram o seu despeito a ponto de descarregar sobre uma pessoa que não conhecemos toda a sua cólera, chamando-lhe delator ou coisa parecida.

Domínem os nervos, nada de incoerências! Nós tivemos tais informes como qualquer outro jornalista, que se press de o ser, ou obteria. Se não são bons profissionais, se desconhecem o seu métier, nós também não lho ensinamos... é segredo profissional.

### Amanhã... prá greve

Acabam de nos trazer a seguinte informação:

«Uma comissão de padres pensionistas do Estado, entregou uma representação na secretaria das finanças, pedindo melhoria de pensão.»

Se não forem atendidos declaram-se em greve, para arrefrir o Padre Eterno que está pelo lado dos patrões!

### A ver navios...

Não sei se sabem que o custo da vida se agrava de dia para dia. Não há azeite, o pão é de gesso; as habitações levam-nos os escudos e o coito das algebras; o peixe podre é caro; ao sabão só os ricos podem chegar. Mas isso que importa, se vamos ter marinha de guerra? Já ontem *O Século* nos mostrava a fotografia de um dos cruzadores ultimamente adquiridos em Inglaterra e que em breve partirá para Lisboa.

Não há que comer, mas há barcos de guerra. Pelo menos podemos fazer cruzeiros na boca e ir a Santa Catarina... ver navios.

### A caridade... do gôso

A pretexto de auxiliar os que não possuem automóvel nem mesmo uma cota de tipo *auto* para saciar a fome, tem uma certa roda de gente da alta folgado à doída, gosando os rendimentos das suas fortunas, gastando rios de dinheiro em *tailleuses*, bailes, concertos, bolos, luzes e solas. Em seguida cremos que ainda chegam a depositar nas mãos de qualquer *gentil* comissão de senhoras, alguns vinténs para que os pobres se governem e fiquem agradecidos.

Não se lembrou ainda nenhum dos caridosos ou caridosas em dar aos famintos aquilo que gasta em preparativos da pândega e governar-se depois com o produto da caridade!

Não chegava nem pra comprar uma caixa de graxa preta ou amarela...

### Frutos da sociedade

Um telegrama agra a de Reims diz que andando alguns atrevidos a pescar no rio com explosivos, uma das explosões fez rebentar um depósito de granadas oculto no fundo do rio, matando dois artilheiros. Estas granadas haviam sido colocadas durante a guerra pelas forças que se retiravam.

E ainda há quem proteste quando alar de um desgraçado tropeça numa bomba e... deixa de pagar o pão a catorze vinténs.

Bombas e granadas! Belos frutos, sinistra consequência da sociedade capitalista.

### C. G. T.

#### Conselho Jurídico

O advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sobral de Campos, dá hoje consultas, no respectivo gabinete, à hora habitual.

### República Social

Anda há uns dias *O Combate*, em vários sueltos, que profusamente espalha pelas suas colunas, a pregar umas doutrinas de cabelos brancos a que desca-radamente chama *sueltos*.

De certo que tais *sueltos* visam um fim único — brincar com o povo.

Assim, fazendo a apologia dum reformismo mesquinho começa ele a enumerar diversos passos que o povo necessita dar sucessivamente até chegar ao paraíso terrestre:

1.º Concentração moral e física das forças de todas as classes trabalhadoras, intelectuais e manuais; 2.º tal, tal... 5.º Proclamação da República Social.

E nós acrescentaremos: 6.º Continuação da carestia da vida; 7.º Substituição dum burgueses por outros que se dizem socialistas; 8.º...

em grande número, ficaram na Irlanda. Os condados do Norte (Ulster) tem uma população operária numerosa que, durante a guerra, adquiriu uma mentalidade de classe muito mais acentuada do que era antes da guerra, e de tal forma que presentemente a união entre patrões e operários ulsterianos para se oporem ao resto da Irlanda, já não existe. É de facto uma cousa do passado.

Os interesses religiosos e nacionais cedem ao lugar aos interesses de classe. Este fenómeno sociológico, muito pronunciado na região industrial, estendeu-se à região agrícola, ganhando muito terreno e depressa, apresentando portanto uma considerável gravidade. A Irlanda deixou, com efeito, de ser um país dividido em duas fracções de tendências e aspirações contrárias, para apresentar uma terceira fracção, de carácter socialista e sindicalista, árbitra da actual situação política.

## Na Rússia Vermelha

Ontem, segundo um telegrama da Rádio não havia nada, hoje há tudo!

PARIS, 5. — Conquanto não seja fácil nesta ocasião inventariar os recursos da Rússia há as seguintes informações sobre a sua situação industrial.

O cobre não falta, ainda que se afirme o contrário. É certo que os bolchevistas não puderam tirar grande partido dos jazigos siberianos de Spassky, porém em Petrogrado existiam quantidades tão consideráveis de metal vermelho, que a missão militar francesa ante o avanço alemão, renunciou a evacuar os minérios.

Os *stocks* de fundição de ferro das fábricas de Donetz estão presentemente no poder dos soviets. Além disso deve existir grande actividade nas fábricas de Igorsk e de Ural (arredores de Alapaevsk). A sua produção é exclusivamente consagrada à reparação de locomotivas e vagões.

Nas minas de Donetz existem importantes quantidades de carvão.

A extracção da hulha não se faz na quantidade que seria para desear.

Desenvolver-se há consideravelmente no dia em que a Rússia tenha interesse nisso, podendo então exportar carvão em troca de produtos que lhe fazem falta. Em geral as máquinas estão bem conservadas, os altos fornos em bom estado, porém faltam óleos de lubrificação, e certos instrumentos de produção. O que ainda resta de actividade industrial, está principalmente orientado para as necessidades do exército.

Por este motivo, em Moscou os bolchevistas alargaram a fábrica de motores que ali existe, onde se fabricam motores Fiat, da força de 280 cavalos, para a sua aviação composta de 40 esquadrilhas, que brevemente chegará a 60.

— Rádio.

## Em prol de A BATALHA

Apelo ontem publicado pela *Batalha*, em que salientávamos a situação precária que atravessamos em virtude, especialmente, da constante subida do preço de papel, já alguns sindicatos se veem de manifestar no intuito de não deixar desaparecer o porta-voz da organização operária.

Assim, a Associação de Classe dos tipógrafos e Anexos comunicam-nos que, na reunião de ontem da sua direcção, foi resolvido comprar mais cinco acções da *Batalha*, para o valor de 10 centavos, o milheiro, para o que já se encontra aberta a inscrição, ficando também convidados todos os delegados das oficinas a reinverem na próxima quarta-feira, a fim de se dar início à cotização.

## Transcrição

O nosso colega *Trabalho e União*, do Funchal, transcreve no seu número 625, de 17 de abril, o artigo *O espírito de classe*, publicado no nosso jornal.

## UM PERIGO

O vapor «BOLAMA», navegando todo esburacado

Na última viagem feita pelo vapor *Bolama*, da Companhia Nacional de Navegação, da Guiné a Lisboa, correu, tripulação e passageiros, o risco de perderem vida e haveres, devido ao enorme desleixo daquela Companhia, pois que o paquete tem as chapas da linha de água para cima num estado lastimoso, tendo que ser um enorme marote de 2.ª classe cimentado pelo caminho para evitar a entrada da água e na 1.ª classe também colocadas caixas de cimento a tapar os buracos na chapa.

A Companhia, antiga Empresa Nacional de Navegação, não terá recursos para fazer os devidos reparos aos navios antes deles saírem dos portos, apesar dos preços exorbitantes das passagens e fretes?

As autoridades marítimas, a quem cabe o dever de fiscalizar as embarcações antes delas levantarem ferro, cumpre impedir que tais factos se repitam pois que, quando se dá um naufrágio, como há tempos se deu com o vapor *Guiné*, os desgraçados que teem a sorte de se salvar, não recebem um rial indemnizando-os dos haveres perdidos, apesar das grossas quantias que a Companhia são pagas pelos seguros.

Os navios fazem viagens todos os dias e sem comodidades algumas para os passageiros, dando em resultado que em vez de 8 milhas, como o *Bolama* tinha obrigação de dar, se reduz o andamento a 4 e às vezes menos! Nos camarotes, que são para dois passageiros, metem-se três, e veem passageiros a granel por toda a parte, sem terem lugar nas balneiras, pois são a mais da lotação, e as balneiras andam rotas, etc.

Enfim, um verdadeiro caos, a que urge pôr termo!

## O «LOCK-OUT»...

### O conflito gráfico dos quadros dos jornais

A comissão delegada das empresas jornalísticas continua deturpando os factos nas suas «notas oficiais» — «O Tempo» — Outro jornal que fura o «lock-out» — A liberdade de trabalho

A Comissão Executiva pró-aumento de salário dos quadros dos jornais comunicou-nos o seguinte:

A «nota oficial» da comissão delegada das empresas jornalísticas, publicada em alguns jornais da manhã, à falta de prosa, continua deturpando os factos e intrigando pessoas que teem tido interferência neste conflito, no intuito de indispor e acarretar ódios contra essas mesmas pessoas e com o fim de lançar a desorientação entre a família trabalhadora.

Na sua última «nota oficial» veem as empresas jornalísticas declarar que pela notícia inserida no jornal *Operário A Batalha* «se conclue que o jornal *Operário A Batalha* e das *Colónias* foi além das últimas transigências formuladas pela Comissão do pessoal gráfico, na presença do ministro do trabalho, e foi por certo essa a razão porque tem cuidadosamente ocultado os seus colegas as condições em que pôde reaparecer, saltando sobre o pacto com eles firmado».

Ora a empresa do jornal do *Comércio e das Colónias*, accedendo às reclamações formuladas pela Comissão Executiva Pró-aumento de Salário, não foi além da apresentada ao ministro do trabalho, ficando em alguns pontos ainda aquém dessa transigência, como vamos demonstrar:

Esta comissão baixou a sua reclamação a 70 e 80 % sobre o trabalho diurno e nocturno, e manteve o pagamento de folgas e feriados nacionais em 4530 e 5520. A empresa do jornal do *Comércio e das Colónias*, na sua entrevista com esta comissão, para a solução do conflito, accorreu ao pagamento seguinte: 80 % sobre o milheiro de letras e pagamento de folgas e feriados em 3600.

Como se vê, esta empresa não paga mais do que foi apresentado ao ministro do trabalho, antes pelo contrário, demonstra o propósito em que a empresa está em solucionar o conflito. Sobre o pagamento dos dias do *lock-out* ficou assente que a empresa desse jornal se sujeitaria ao que em posteriores resoluções fosse estabelecido com as outras empresas.

E para verificação do que afirmamos, transcrevemos o seguinte período do *Jornal do Comércio e das Colónias*: «Houve muitas transigências, honras para ambas as partes. Fomos até onde entendemos que podíamos ir, como os respectivos delegados desse pessoal nos facilitaram a missão conciliatória igualmente na memória do possível. É assim que se solucionam conflitos sempre que haja boa vontade para achar uma solução».

Na parte em que a mesma «nota» se refere ao jornal *A Voz do Operário*, ainda as empresas jornalísticas só citam o trecho do artigo que mais lhes poderia convir, esquecendo-se de transcrever os períodos do mesmo artigo que em parte desfazem aquelas palavras. A propósito diremos, para elucidação das mesmas empresas, que a Sociedade *A Voz do Operário* já hoje paga ao quadro do seu órgão em conformidade com as reclamações das classes gráficas a quantia de 5800 diários, ou sejam 35500 semanais.

Com respeito ao jornal *O Tempo*, declara esta comissão que se aquela empresa não tem o compromisso de pagar ao seu quadro os dias em que suspende a sua publicação, isso é devido ao facto de a data do movimento ser mantido na tipografia do jornal *A Situação* e agora ser manufacturado em tipografia própria que a empresa montou durante a suspensão do jornal e com quadro próprio.

Registou também a comissão executiva, ontem, a saída do jornal *Opinião*, manufacturado por tipógrafos militares e policiais, furando por esta razão o *lock-out* existente, tudo nos levando a crer que as *Imprensas* em breves dias ficarão reduzidas à expressão mais simples — zero.

O governo, atendendo à solicitação das empresas jornalísticas, continua garantindo a «liberdade de trabalho» aos tipógrafos militares, a fim de solucionar o conflito.

Apesar de todas estas «liberdades» esta comissão constata diariamente a firmeza e solidariedade existente nos gráficos dos quadros dos jornais, que só retomaram o trabalho quando sejam atendidas as suas reclamações.

## Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reúniu esta comissão que se registou com satisfação serem restituídos a liberdade os seguintes camaradas deportados do Brasil: Manuel Luís da Cunha, Manuel Lopes, Adelino de Carvalho, Artur António da Silva, António Jorge Abrantes e José Maria de Carvalho, preso no norte acusado de fazer propaganda antilegisla.

Também foi posto em liberdade, Manuel Maria, manufactor de calçado. Todos estes camaradas se encontravam nos imundos calabouços do Governo Civil.

## MEMORANDUM

No ano da graça de mil novecentos e vinte (da era cristã), sob o regime da República, a qual, no artigo 13.º da respectiva constituição política, votada aos dezasseis de Junho de mil novecentos e onze, estatui que «a expressão do pensamento, seja qual for a sua forma, é completamente livre, sem dependência de caução, censura ou autorização prévia; prescribindo as instituições republicanas o cidadão donitor António José de Almeida, antigo jornalista; sendo presidente do ministério o coronel de infantaria António Maria Baptista e ministros: da justiça, José Ramos Preto; das finanças, Francisco de Pina Esteves Lopes; da guerra, José Estêvão Aguiar; da marinha, Joaquim Pedro Vieira Jádice Bicher; dos estrangeiros, Xaoler da Silva; do comércio, Aníbal Lúcio de Azevedo; das colónias, Fernando Pais Teles de Utra Machado; da instrução, Vasco Borges; do trabalho, Bartolomeu de Sousa Seerino e da agricultura, João Luís Ricardo; não estando suspensas as garantias constitucionais e funcionando as câmaras dos deputados e senado — exerce-se a censura sobre o diário operário «A Batalha», órgão, na imprensa, da Confederação Geral do Trabalho de Portugal, e também sobre alguns outros jornais diários — não todos os que se publicam em Lisboa — censura de que se desempenha um agente da Polícia de Segurança do Estado, na respectiva repartição do governo civil.

Para que bem possa ser exercida a referida censura é diariamente cercada, por polícias civis e da Segurança do Estado, a casa da máquina onde «A Batalha» é impressa e logo que a supracitada máquina é posta em movimento vai um dos agentes da Segurança exigir do impressor um exemplar, passando em seguida a máquina, que só pode fazer a impressão do jornal quando o censor, por escrito, ordena a sua livre circulação. Se, porém, o supranomeado censor, na plenitude dos seus poderes que o governo lhe confere, entende, no seu escarado critério, que o jornal não deve circular, assim o faz sentir verbalmente ao representante do proprietário da máquina de impressão, sendo, após essa ordem, invadida a mesma oficina pela polícia, que passa rigorosa busca às suas dependências, apreendendo quaisquer exemplares que encontra.

Tudo isto se faz sem protesto, antes por indicação do poder executivo, com o consenso de todos os outros poderes do Estado: o legislativo e o judicial, deendo acrescentar-se que quando o deputado Augusto Dias da Silva, na sessão de vinte e dois de Abril, pretendia, em negócio urgente, que a câmara a que pertence tratasse de apreciar a situação da imprensa atingida por tais singulares medidas, todos os representantes do povo soberano, menos cinco e um, receberam, em câmara, tal proposta com a interjeição desdenhosa de: «Ora, ora!».

## AINDA O 1.º DE MAIO

### EM LAGOS

Comemora-se o 1.º de Maio e protesta-se contra as arbitrariedades do governo

LAGOS, 3. — Promovida pelas classes operárias organizadas, realizou-se, na sede da Associação de Classe dos Operários Soldadores, uma sessão solene, comemorando a data gloriosa do 1.º de Maio, que já mais será esquecida, e de protesto contra os atropelos e inimizades da burguesia.

Esta sessão, que foi aberta pelo camarada José do Carmo Campos, e a que assistiu um número razoável de camaradas, achando-se representadas as seguintes colectividades: soldadores, trabalhadores das fábricas de conservas e construção civil, não revelou grande importância, como era para desejar, pois que uma grande parte dos operários ainda alberga, no seu espírito, esse grande preconceito que manda desistir o dia 1.º de Maio para pândegas e festins, esquecendo por completo o sacrifício glorioso dos nossos camaradas de Chicago, que derramaram o seu sangue em prol da causa dos proletários.

Os camaradas que fizeram uso da palavra verberaram o procedimento dos nossos algozes, protestando contra o encerramento de várias associações e contra a prisão de camaradas nossos, cujo grande crime é defenderem a melhoria da sua situação e a de todos aqueles que se encontram sob o peso brutal desta péssima organização social.

A sessão terminou com entusiásticos vivas à organização operária, à *Batalha*, à Comunidade, etc.

Durante a sessão tivemos o prazer de sermos visitados pela sociedade filarmónica daqui, que executou o hino 1.º de Maio, que os assistentes escutaram com grande entusiasmo, depois do que a referida sociedade percorreu várias ruas da cidade de visita a outras associações de classe.

### EM BRAGA

Apesar do dia se conservar um pouco chuvoso, o operariado não esqueceu a data 1.º de Maio, tendo ao meio da tarde sessão de propaganda, terminando as vivas à Rússia Vermelha, à Revolução Social, à Organização Operária, etc., tocando a banda a *Internacional*.

Após a sessão pelo camarada Francisco Ribeiro, metalúrgico, secretário dos operários, foi dada a palavra ao camarada Raul Duarte, manufactor de calçado dessa cidade, o qual fez ver à assembleia a significação que fez ver à assembleia a significação do 1.º de Maio, sendo muito aplaudido.

Falaram também os camaradas Aurélio Rodrigues, das quartas artes da Construção Civil, e Custódio Braga Júnior, dos fabricantes de calçado, os quais foram igualmente aplaudidos.

Fim da sessão, começou-se a organizar o cortejo, mas como a chuva continuasse, foi resolvido não sair nem realizar-se o comício.

Na sessão solene foi presente uma moção de protesto contra as perseguições feitas às organizações operárias e saudando em especial a Confederação Geral do Trabalho e a *Batalha*.

### SP. BARBARA DE NEXE

SP. BARBARA DE NEXE, 3. — C. — A Associação da Construção Civil desta localidade comemorou o 1.º de Maio, inaugurando a sua bandeira, assistindo um grupo musical da Banda de Loulé.

A convite desta associação a Federação Nacional da Construção Civil, endossando o secretário geral, camarada Joaquim Cardoso, que ao chegar a esta

localidade, foi surpreendido com uma aviso de que se achava presente uma força da guarda republicana e de polícia, para impedir qualquer acto alheio ao 1.º de Maio.

O camarada Cardoso dirigiu-se logo ao cabo dirigente das forças a quem fez ver que tal ordem não tinha razão de ser, pois que sendo o acto uma sessão solene, onde se tratava da questão económica e social e dentro da sede da Associação, a direcção não teria dúvida em tomar a responsabilidade, o que foi aceite pelo dito representante da autoridade.

Seriam perto das 13 horas quando se deu início à sessão a que assistiu a polícia, tendo o presidente dado a palavra ao camarada Francisco Faria que de Faro ali foi como delegado, o qual conjuntamente o camarada Cardoso, que a seguir usou da palavra, explicou claramente, o significado daquele dia, verberando o procedimento dos algozes e do padre da terra, que tinham sido os causadores da presença da força, o que dava o aspecto da terra estar em estado de sítio.

Da palestra aproveitaram os camaradas e os polícias que aninharam uma lição sobre a questão social.

Terminou a sessão aos vivas à Organização Operária, seguiu toda aquela multidão acompanhada da banda para S. Braz d'Alportel, sem que houvesse a registar qualquer alteração da ordem, recebendo assim uma lição de inteligência proprietários, que pensavam que na nação da ser proclamada a Revolução Social.

Os delegados marcharam, depois de almoçar, para S. Braz, Serro do Bolalho, onde os camaradas haviam resolvido fazer uma manifestação de confraternização dos povos daquela circumscrição. Porém, pelo meio da tarde começou a chover de tal maneira, que prejudicou esse acto, dando assim a que muita gente retirasse, devido ao mau tempo.

Entretanto uma parte dos assistentes, antes da chegada ao local em frente do Serro, conseguiu arranjar um grande barracão onde se juntaram cerca de mil pessoas, fazendo-se ali uma magnífica sessão de propaganda, terminando as vivas à Rússia Vermelha, à Revolução Social, à Organização Operária, etc., tocando a banda a *Internacional*.

Após a sessão os delegados foram convidados a jantar-se no salão da casa onde ficavam os delegados, juntaram-se bastantes criaturas, principalmente do sexo feminino, que desejavam ouvir aqueles camaradas, ao que eles acederam, fazendo uma conversação sobre assuntos sociais que durou cerca de 2 horas.

Deste pequeno episódio, se conclue que o povo está sedento de justiça e liberdade, recebendo a propaganda de bom grado, devendo a Organização Operária enviar bastantes vezes delegados a aquelas paragens.

### EM GAIA

A comemoração do 1.º de Maio nesta localidade, traduziu bem o revolucionarismo de algumas classes trabalhadoras, porquanto essas classes acorreram em grande número à sessão pública que a U. S. O. realizou na sede dos camaradas ténis.

Diremos algumas, porque, infelizmente e a despeito dos esforços em contrário de dedicados camaradas, os operários construtores navais, calafates, serradores e caixoteiros, em cujos organismos ainda impera a política democrática, aliam-se aos trabalhadores fluviais, (uma classe que em todas as manifestações de apoio ao actual governo tem comparecido) abandonando as restantes, consequentemente a U. S. O. de Gaia.

Era nosso desejo escalar estes pontos de camaradas, mas como o mexer no entulho é anti-higiénico e como a *Ba*</



